

EDITORIAL

Dossier “Educação Artística: Olhares a partir de outros ângulos”

Apresentam-se neste número as contribuições de seis países latino-americanos e, nessa junção, reforça-se, mais uma vez, a dimensão internacional que a revista Invisibilidades assumiu desde a primeira hora. Ecoam neste número vozes de Espanha, Chile, Brasil, Colômbia, México e Portugal. E é por isso que, desde 2009, tem sido um polo agregador de conhecimento numa área que continua sobre o ataque cerrado de políticas públicas que continuam a acreditar na ilusão de que a humanidade só se constrói com uma metade do cérebro...e do corpo. Infelizmente temos percebido que as supostas reformas curriculares, que quase chutam para fora de campo, as áreas artísticas, parecem estar na crista de uma onda que não fustiga um único país. E como a situação vivida, no momento em que este texto está a ser escrito, é de estranho isolamento, tanto mais estranho quanto maior é a falta de uma liberdade que todos nós julgáramos ad aeternum adquirida. sabemos, agora, a falta que faz a muitas pessoas, o domínio das expressões artísticas para se vencer estas solidões impostas, ainda que tristemente necessárias. Percebemos também agora, talvez melhor, apesar da dormência das nossas rotinas naturalizadas, de cidadãos e cidadãs que têm a sorte de viverem em nações livres, como a liberdade é um dos maiores valores das nossas sociedades contemporâneas.

Com Educación artística para formación del profesorado en tiempos de coronavirus, Ricard Huerta, a partir da sua experiência de formador de professores do ensino primário, na Universidade de Valência, fala-nos como a nova situação pandémica acabou por testar as possibilidades de reação a situações críticas e a momentos complexos como são aqueles que estamos a viver. O texto, assim como as imagens de alguns dos trabalhos artísticos dos seus alunos/as, relata a tentativa de buscar aquilo que designa como uma certa “normalidade” dentro da gravidade do que tem vindo a acontecer. Para Ricard, e para os seus alunos e alunas, as novas urgências e os novos modos de trabalhar, vieram a quebrar algumas barreiras que eram comuns dentro da academia. Muitos de nós, que trabalhamos também na formação de professores, vivemos e sentimos exatamente o mesmo e podemos rever-nos claramente em boa parte destas linhas.

É também a situação pandémica que inspira o contributo de Pablo Rojas Duran, do Ministério das Culturas, Artes e Património do Chile. No seu artigo, com o sugestivo e, ao mesmo tempo provocador, título de Arte y escuela... sin escuela, aborda a premente questão dos novos modos de funcionamento da educação por força do confinamento a que as populações tiveram que se sujeitar em muitas partes do mundo e das consequentes reconfigurações dos respetivos processos de ensino. Questiona-se, no seu texto, uma certa ideia de escola “pré-pandémica”, na conhecida dupla conceção simbólica de edifício e modelo metodológico, aos quais se tem tradicionalmente atribuído o exclusivo do chamado processo ensino-aprendizagem. Ora o que se tornou

evidente neste tempo meio esquizofrênico que nos tocou viver, é que os novos modos de aprender, com todos os riscos inerentes, se estão a expandir para o que Pablo considera ser uma diversidade de espaços, formatos e tempos.

Mudando o ângulo, agora para um “outro” olhar, e deixando agora a omnipresente (e omnipotente!) pandemia para trás, Vivien Kelling Cardonetti e Francieli Regina Garlet convidam-nos a adentrar a formação de professores de artes visuais na sua instituição de origem, a Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, Brasil. Constroem o seu artigo a partir de duas questões fundamentais: “Que possibilidades de criação podemos experimentar ao produzir um planeamento, uma aula? Que [im]possíveis podemos criar ao remexer com as heranças que carregamos no nosso corpo/pensamento, as quais muitas vezes endurecem as nossas experiências educativas?”. Trata-se de um extenso artigo com exemplos concretos e criativos de planos de aula, mapas conceituais que orientam as práticas docentes e que saem da formalidade “industrial” e costumeira das folhas Excel e das tabelas Word, a que a escola está tão (demasiada) habituada.

Marcelo Forte, aborda o conceito de “encontro” como uma das potências na formação de professores de Artes Visuais na sua proposta Encontros de um professor-artista: modos de constituir-se para a docência. Trata-se de uma investigação autoetnográfica (uma pequena parte da sua tese de doutoramento) onde o autor, numa escrita feita na primeira pessoa, passou a prestar (mais) atenção a tudo o que fazia e dos modos como fazia, nos diferentes contextos que experimentou, no Brasil, seu país natal, e em Portugal, onde chegou bolseiro para a realização dos seus estudos doutorais num dos programas da Universidade de Coimbra.

Em Modos de investigar y crear: relaciones con las imágenes, Mónica Romero Sánchez apresenta-nos também um enjugamento da sua investigação doutoral. Com ênfase nos processos de cocriação e tomando as imagens e o corpo como elementos centrais, esta colega colombiana mostra-nos como os mapeamentos e as cartografias se tornam estratégias narrativas fulcrais para ressignificar relações com/entre os públicos que participam nesses processos. A ideia é que nesses processos sejam produzidos conhecimentos e declarações críticas sobre determinadas realidades em concreto, o que torna o docente/artista/investigador um

ator social imprescindível para conhecermos, de facto, a realidade em que vivemos.

Mudamos de novo o ângulo do nosso olhar em direção às produções artesanais, parente pobre dos processos artísticos contemporâneos, apesar de muitos artistas hoje dialogarem crescentemente com eles. É o tema escolhido por Vanessa Freitag que a partir de uma IBA (Investigação Baseada nas Artes) procura em *El lenguaje textil y sus posibilidades en el contexto educativo*, conjugar a sua prática docente com a experiência artística mediada pela aprendizagem e ressignificação de ofícios e práticas artesanais com grande expressão no México, como a tapeçaria. O trabalho de Vanessa procura também contrabalançar uma determinada visão, muito corrente no mainstreaming atual, que tende a deslegitimar os saberes artesanais como possibilidades artísticas.

Por fim, em equipa com a colega brasileira Juliana Salbego, minha empenhada, talentosa e produtiva ex-doutoranda, propomos aos nossos leitores o artigo escrito a quatro mãos, *Limites e relações possíveis para pensar a Educação: arte contemporânea, vida quotidiana e cultura visual*, como forma de ampliação da esfera geográfica que quisemos assumir neste número, inserindo assim mais uma voz lusófona, a minha, à polifonia de vozes latinoamericanas deste número. A partir de Bonito-Oliva, Agamben e Bourriaud, entre outros, propomos um cruzamento de ideias que nos permitam aproximar a arte contemporânea da vida quotidiana e atender a uma série de perguntas que elencamos no início do nosso texto. O que defendemos, com a inserção da vida diária no processo educacional, por via da Cultura Visual, é também apelar à participação cívica das pessoas na dinâmica artística, quer como simples apreciadores, quer ainda, como coautores deliberados, em experiências que sejam cada vez mais instigantes e mais ousadas.

Considero, por isso, no conjunto destes sete textos que se colocam à disposição dos nossos leitores, que existe uma espécie de leitura intertextual que os une. Uma ideia comum. A de que, talvez, as pequenas coisas, as artes consideradas menores, o quotidiano fugaz e incerto, a experiência educativa de estar junto, presencialmente, ou “à-distância”, sejam, por ora, as variáveis desta equação complexa com que queremos compreender o mundo.

Leonardo Charréu

Glória do Ribatejo, 11 de fevereiro de 2021